



SEMENTES do XINGU

INFORMATIVO SOBRE A REDE DE SEMENTES DO XINGU • JULHO DE 2014

Rede de Sementes do Xingu funda associação e avança rumo a novos desafios

Em 2013, durante o Encontro Geral da Rede, os participantes, em assembleia, criaram a Associação da Rede de Sementes do Xingu. Em abril desse ano a Associação foi registrada e institucionalizada. Além de organizar e administrar o trabalho da Rede, a associação é responsável pela articulação institucional, representação política e captação de recursos. Enquanto o consórcio, formado por coletores membros da Rede, responsável pela produção e comercialização das sementes não é reconhecido, a comercialização por meio dos coletores Micro Empreendedores Individuais (MEIs) tem sido a maneira encontrada para comercializar a maior parte das sementes.

A atual estrutura organizacional da Associação é composta por uma diretoria, conselho curador e conselho fiscal com um mandato de dois anos. Os diretores eleitos são Acrísio Luiz do Reis, Bruna Dayanna Ferreira de Souza e Cláudia Alves Araújo.

OS NÚMEROS DA REDE

A Rede nasceu e cresceu pelas sementes que foram plantadas nas nascentes e beiras de rio da região do Araguaia e Xingu mato-grossense. E os últimos dois anos trouxeram situações que colocaram a Rede diante de um novo desafio: consolidar-se no mercado regional e aumentar o acesso a novos mercados. Em 2013 quando o novo Código Florestal gerava dúvidas a demanda por sementes caiu, mas ao mesmo tempo a RSX recebeu pedidos vindos de outros mercados. Em 2014, com a regula-

mentação do novo Código Florestal, renasce a esperança de que a procura pelas sementes volte com força, como sinaliza os pedidos desse ano.

Diante desse cenário, a Rede de Sementes do Xingu continuará atenta para continuar cumprindo sua missão de valorizar a floresta, as pessoas que dela vivem e suas conexões, contribuindo para recuperar os milhares de hectares de áreas degradadas da Amazônia e do Cerrado.

QUEDA NO NÚMERO DE PEDIDO DE SEMENTES

O novo Código Florestal ainda não havia sido regulamentado. O que gerou incertezas sobre o tamanho da necessidade sobre a recuperação de áreas degradadas. Quase todos os pedidos deste ano foram para atender a recuperação de passivos ambientais de obras de infraestrutura.

2013

2014

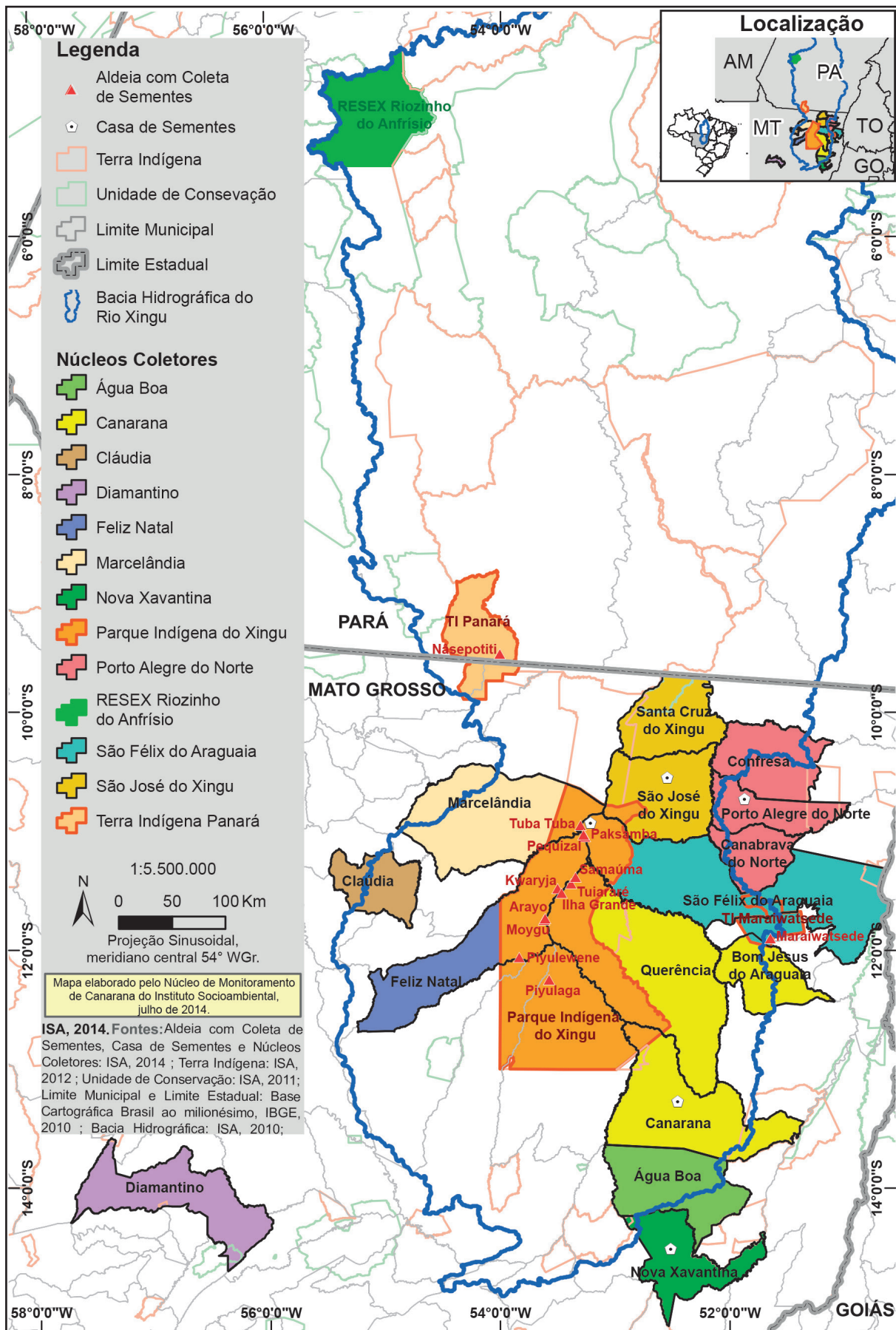
NOVO CÓDIGO FLORESTAL

Com a regulamentação do Novo Código Florestal os pedidos voltam a crescer, mesmo que timidamente, vindos de diferentes demandas. Mas só as regulamentações estaduais, o tempo, a capacidade do poder público de implementar e da sociedade de cobrar para ver se o que foi aprovado no papel tomará vida.

NÚMEROS COMERCIALIZADOS NA REDE DE SEMENTES DO XINGU

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	TOTAL
Sementes comercializadas (ton)	5	8	15	25	19	25	22	119
Coletores	10	50	240	300	300	350	350	350
Espécies comercializadas	120	125	207	214	185	159	177	214
Recursos gerados (R\$ 1.000,00)	R\$9	R\$20	R\$142	R\$220	R\$213	R\$414	R\$326	R\$1.344

NÚCLEOS COLETORES DA REDE DE SEMENTES DO XINGU



Redes de sementes trocam experiências e discutem o futuro em expedição inédita

A 1ª Expedição e Intercâmbio da Rede de Sementes do Xingu (RSX) reuniu 60 participantes entre os dias 28 e 30 de maio. Coletores da RSX, representantes de outras redes de sementes da Amazônia e do Cerrado, compradores e colaboradores trocaram experiências, refletiram sobre o futuro e os desafios da produção e manejo de sementes florestais.

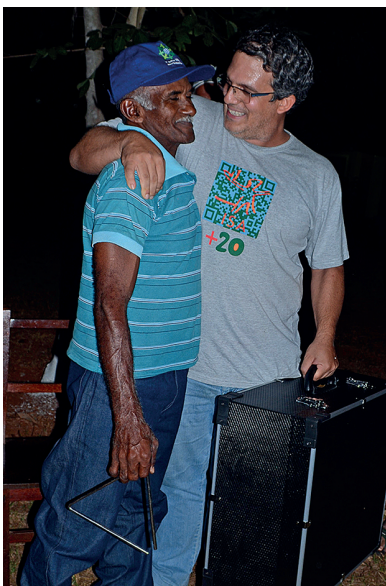
A expedição começou na sede da Associação Indígena do Xingu (Atix) em Canarana (MT) e dali saiu para visitar o viveiro e a casa de sementes da cidade. O grupo também conheceu as áreas de restauração na fazenda São Roque do sr. Amandio Micolino. Ele se tornou parceiro da Campanha Y Ikatu Xingu em 2008 e parte das sementes colhidas foram plantadas nos 6,5 hectares que estão em restauração em sua propriedade.

No segundo dia seguiu para Nova Xavantina onde os participantes conheceram o dia a dia do grupo dessa

cidade. Visitaram uma das áreas de coleta do grupo e conheceram o campus da Unemat.

No auditório da Universidade compartilharam experiências e informações com representantes das redes de sementes de Apuí (AM), da Rede de Sementes da Amazônia, da Rede de Sementes do Cerrado, da Rede de Sementes Portal da Amazônia, de Alta Floresta (MT), da Associação Floresta Protegida (AFP) de Tucumã (PA) e com os representantes do Pacto Xingu – projeto de restauração que está acontecendo em São Félix do Xingu (PA).

No último dia da expedição, na Unemat, conversaram com Rogério de Paula, maior comprador da Rede de Sementes do Xingu, que em 2014 fechou um contrato de 18 toneladas de sementes que vai gerar uma renda de R\$ 448.000,00. E o grupo se despediu após a inauguração do Laboratório de Sementes Florestais Vanessa Cristina de Almeida Theodoro (pág. 4).



Placides recebe sanfona doada à Associação Rede de Sementes do Xingu pelo Instituto Bacuri.



Em Nova Xavantina os participantes ouviram depoimentos dos coletores e conheceram como o grupo da cidade se organiza para coletar e beneficiar as sementes.

Em Canarana, a pesquisadora associada ao ISA, Rosely Sanches, mostrou a evolução do desmatamento nas cabeceiras do rio Xingu.



“É muito bom a gente ver as sementes que a gente coleta sendo plantadas, a gente fica animado em saber que está dando certo”, disse Odete Severino Barbosa, coletora de Bom Jesus do Araguaia durante a visita as áreas de restauração da fazenda São Roque.

RSX inaugura Laboratório de análise de sementes florestais em parceria com a UNEMAT

Em maio de 2014 o laboratório foi inaugurado na Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat, fruto de uma parceria com a Rede. Um dos principais objetivos é avaliar a qualidade das sementes comercializadas pelos coletores.

Do crescimento que a Rede de Sementes do Xingu está vivendo dia a dia surgiu a necessidade de garantir uma crescente melhoria na qualidade das sementes. Foi assim que a RSX propôs à UNEMAT de Nova Xavantina (MT) uma parceria para avaliar cientificamente algumas características das sementes coletadas. Para Bruna Ferreira de Souza, diretora da Associação da Rede de Sementes do Xingu, o laboratório vai aumentar a projeção da Rede. "Aqui na região não existe nenhum laboratório credenciado para fazer análises de sementes e a ideia é que este laboratório seja credenciado. Será um grande aporte para o nosso trabalho", acredita.

Esse é mais um passo no processo de adequação à Instrução Normativa de Mudanças e Sementes nº 56, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) de dezembro de 2011. Por meio das análises serão obtidos dados da germinação, umidade e pureza dos lotes de sementes comercializadas, conforme as exigências da Lei nº 10.711/2003. "O laboratório permitirá promover o controle, normatização e padronização da produção de sementes", explica Mariney Meneses, professora, doutora em Produção e Tecnologia de sementes e coordenadora do Laboratório.

O laboratório também vai incentivar a pesquisa em sementes florestais, valorizando o trabalho realizado na região. "O pessoal acha que o que dá dinheiro é monocultura. Mas a monocultura diminui a diversidade genética e a variabilidade, aumenta incidências de pragas e doenças e o solo fica muito pior. Então com a recuperação dessas áreas degradadas a gente está recuperando a nossas águas e a nossa terra", afirma a professora Mariney Meneses.

O laboratório recebeu o nome da professora Vanessa Cristina de Almeida Theodor (*in memoriam*) pelo reconhecimento de seu trabalho na Universidade. A estruturação inicial desse espaço conta com o apoio das organizações parceiras da Rede como Fundo Amazônia/BNDES, Funbio e Fundo Vale.

OS BENEFÍCIOS DO LABORATÓRIO

PARA ALUNOS DA UNIVERSIDADE E PARA COMUNIDADE DA REGIÃO

O Laboratório ajudará a ampliar os conhecimentos teóricos e práticos dos alunos de agronomia e biologia com o treinamento em análise de sementes de espécies florestais nativas da região.

PARA OS COLETORES

O Laboratório fornecerá informações para monitorar os efeitos do trabalho dos coletores na germinação e na pureza dos lotes de sementes, contribuindo para melhoria das técnicas e tecnologias de produção.

PARA OS COMPRADORES

Os dados de germinação, pureza e umidade possibilitarão melhores condições para os compradores tomarem suas decisões quanto a quantidade de sementes necessária para atingir o seu objetivo final com a compra de sementes, como restaurar uma área degradada ou produzir mudas.



Profª. Mariney manuseia um dos equipamentos do Laboratório



ENTREVISTA ROGÉRIO PAULO

De madeireiro a empreendedor na área de reflorestamento, Rogério Paulo contou

como uma reportagem sobre plantio direto utilizando a técnica da “muvuca” na região do Xingu e Araguaia implantada pela Campanha Y Ikatu Xingu trouxe uma nova perspectiva para o seu trabalho.

Proprietário da empresa Reflorestá, Rogério pretende restaurar mais de 850 hectares neste ano. Para isso, vai contar com a ajuda da Rede de Sementes do Xingu. A parceria fez dele o recordista na compra de sementes pela Rede em 2013. Confira a entrevista realizada durante a 1ª Expedição de Coletores de Sementes da Rede de Sementes do Xingu.

Como foi o seu primeiro contato com a Rede de Sementes?

ROGÉRIO Na época em que a Gerdau [indústria de aço e minério] estava fazendo as hidroelétricas em Caçu, GO, eu vendia material para eles. Um dia tivemos uma reunião em Caçu com o diretor da Gerdau. Ele tinha assistido uma reportagem sobre a “muvuca” de sementes no Globo Rural e comentou que queria alguém da região que se interessasse pela proposta e que se animasse para fazer um plantio piloto. Decidi abraçar esse desafio. Entrei em contato com a Rede, que me enviou a cartilha e alguns vídeos sobre a técnica da “muvuca” e do funcionamento da Rede. Logo apresentei um projeto para o diretor da Gerdau, que me deu 20 hectares para fazer um teste. No primeiro ano [2012] fizemos 300 hectares de “muvuca” e ficou um sucesso.

Qual é a importância da Rede de Sementes para o seu trabalho?

ROGÉRIO A Rede é o coração do nosso trabalho. Sem a Rede, não existiria a “muvuca” e se não fosse por ela, não existiria nada disso que está acontecendo hoje. No começo a Rede ainda não tinha possibilidade de fornecer a quantidade de sementes que a gente precisava, mas hoje em dia, a Rede vem aumentando ativamente a quantidade de sementes colhidas,

sempre nos ajudando. Por exemplo, no ano passado, nós tivemos sementes para fazer os 600 hectares que a gente precisava. Este ano nós temos 850 hectares para plantar e até agora a Rede pode oferecer sementes para o plantio de 700 hectares. Nós temos contrato até 2018 com as empresas e queremos fortalecer e continuar a parceria com a RSX.

Qual é a vantagem da “muvuca” em relação ao plantio com muda?

ROGÉRIO Geralmente no plantio convencional você tem que dar manutenção de dois anos após o plantio ser feito: controlar as formigas, fazer o coroamento, adubar as mudas. Acontece também muita mortalidade de muda, já que a mudança do viveiro para solo nem sempre dá certo. A “muvuca” é diferente. É um sistema que incorpora a semente nativa no solo, então, ela aguenta mais a seca e praticamente você não tem perda. Além disso, seu custo é bem menor e o tempo de trabalho também.

Como você enxerga o futuro do reflorestamento no Brasil?

ROGÉRIO Vejo um futuro promissor porque existem muitas áreas degradadas, muitas áreas de reserva destruídas. O Brasil está crescendo muito, a população aumentando e a questão da energia é muito importante. Por exemplo, toda nossa região (Caçu, Itarumã, Aporé) tem projetos de mais de seis hidroelétricas e o impacto ambiental vai ser muito grande. A terra já está cobrando esse forte abuso dos recursos naturais e o Brasil vai ter que procurar novas formas de gerar energia.

Durante a Expedição você conversou com os participantes e conheceu alguns coletores. Como você avalia esse encontro?

ROGÉRIO É muito importante essa troca. Nós gostamos de participar, de conhecer os coletores de aprender com suas experiências e acho muito bom porque eles me conheceram e ficaram sabendo mais do trabalho que faço. Quero participar outras vezes, conhecer outros lugares. Esse trabalho mudou a minha vida. Abandonei o setor madeireiro e hoje a “muvuca” é o meu maior negócio. Agradeço a todos os coletores porque o trabalho deles e o meu juntos está sendo muito vitorioso. É a união que faz a força.



Durante os encontros do grupo, as mulheres discutem a vida na aldeia

MARÄIWATSÉDÉ

Coleta de sementes aumenta a esperança de ver território reflorestado

Em 2011, as mulheres Xavante da TI Maräiwatsédé, apoiadas pela Operação Amazônia Nativa, (OPAN), e outras instituições da Articulação Xingu Araguaia (ISA, ANSA, CPT e ATV), formaram o grupo de coletoras Piõ Romnhá Ma'ubu'mrôiwa", ou "Mulheres Coletoras de Sementes". O grupo começou com cinco mulheres e hoje participam 78 coletoras, entre crianças, jovens, adultas e idosas, pertencentes a 13 famílias da aldeia.

A Terra Indígena Maräiwatsédé teve mais de 85% do território, que inclui matas e cerrado, devastado durante os 40 anos de ocupação irregular. Retirados nos anos de 1970, os Xavantes retornaram para seu território em 2004, seis anos depois do decreto presidencial que homologou a T.I que enfrentou diversos recursos judiciais de manutenção de posse. A retirada dos não-índios da Terra só foi concluída em 2013. Este longo e doloroso processo encurralou os índios Xavante na ocupação de uma única aldeia, na qual vivem 800 pessoas.

Depois de reconquistarem seu território, os Xavantes sonham em alcançar a sua própria sustentabilidade. "A sustentabilidade que a gente quer é produto da terra que vem sem comprar, sem ter gasto, viver da natureza," afirmou Carolina Rewaptú, coletora e "elo" do grupo.

Além de contribuir na renda familiar, a coleta de sementes tem muita importância para recuperação dessas

áreas degradadas. E as mulheres estão comprometidas com essa missão. Parte das sementes que coletam fica na aldeia e é utilizada nos terrenos de plantio, roças e quintais. Em 2013, a comunidade ganhou uma área de restauração experimental. Já aprendeu a utilizar a "muvuca", técnica que reduz o preço e facilita o plantio. Explorou também o plantio de mandioca e pequi do Xingu, tradicionalmente cultivada pelo povo Kisedjê. E até o fim do ano outras áreas de plantio estão previstas.

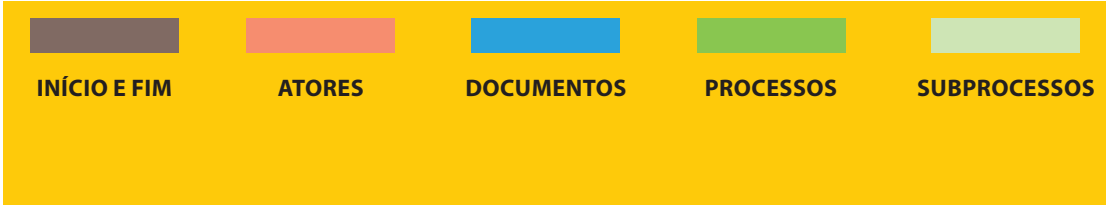
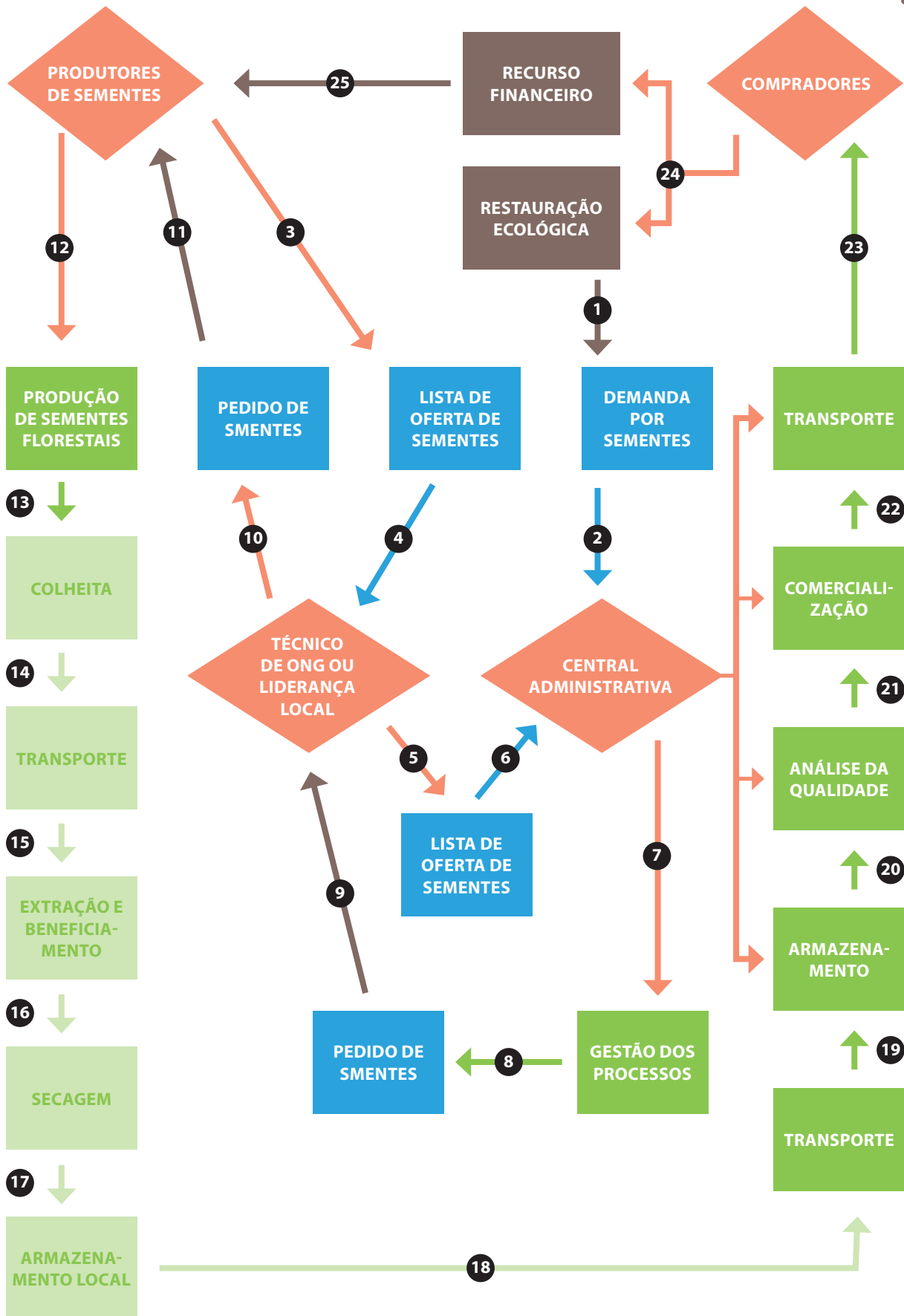
A criação do grupo também fortaleceu um espaço coletivo feminino de discussão na aldeia. As jovens ouvem os conselhos das anciãs e outros assuntos da vida da comunidade são discutidos. A partir dessas conversas, as mulheres se organizaram e passaram a comercializar parte do artesanato que produzem.

A recente experiência com as sementes continua crescendo na aldeia. Para os próximos anos, estão previstas as construções de uma casa de sementes, de um espaço para oficinas de formação do grupo e um viveiro para produção de mudas e reflorestamento da Terra Indígena. A nova vegetação que está nascendo em Maräiwatsédé traz, além de variedade nas espécies, muito trabalho para as coletoras e novas perspectivas para o povo Xavante.

"Nós participamos da Rede porque queremos também reflorestar nossa terra."

MARIA DAS GRAÇAS REEWATSÍ'Ô,
COLETORA.

Como funciona a Rede de Sementes



REALIZAÇÃO



INFORMATIVO SOBRE A REDE DE SEMENTES DO XINGU

Jornalista responsável
Letícia Leite (DRT 8149 – PR)

Produção dos textos e edição
Rizza Matos

Colaboraram nesta edição
Rodrigo Junqueira

Letícia Leite
Danilo Ignácio
Bruna Ferreira
Dannyl Sá
Maíra Ribeiro
Sayonara Silva

Fotografias
Rizza Matos
Dannyl Sá
Maria Nahssen

Mapa
Heber Queiroz Alves

Projeto gráfico e diagramação
Ana Cristina Silveira/AnaCê Design

Tiragem
1 mil exemplares

CONTATO
Instituto Socioambiental (ISA)
Av. São Paulo, 202, Centro,
Canarana, CEP 78.640-000.
Tel (66) 3478-3491.
isaxingu@socioambiental.org

PARCERIA



APOIO

